

**CARAMBAIA**



APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Berck, a cidade dos malditos

**7**

CORAÇÕES CICATRIZADOS

**17**

POSFÁCIO

*Fernando Klabin*

**211**

---

Apresentação  
**Berck, a cidade  
dos malditos**

Na estrada de ferro Paris-Boulogne há uma estação onde todos os trens ficam parados um minuto a mais. Trata-se de Rang-du-Fliers, estação ferroviária de ligação com Berck.

O viajante desprevenido, que esfrega os olhos sonolentos antes de lançar um olhar pela janela do vagão, vê-se, de súbito, diante de um pesadelo.

Acostumado a assistir, em todas as estações, ao conhecidíssimo vaivém dos passageiros que sobem e descem apressados as escadas do trem, ali ele pode observar os enfermeiros e carregadores retirando de dentro dos vagões, com precauções infinitas, macas com doentes cadavéricos. Aleijados andando de muleta e raquíticos desesperadamente agarrados ao braço firme do acompanhante. São os peregrinos de Berck, cidade-sanatório, a cidade mais impressionante do mundo. Meca da tuberculose óssea.

Toda essa gente se senta num trem tão pequeno que parece de brinquedo, com uma locomotiva que mais se assemelha a um camelo e que se põe vagarosamente em movimento, ofega ruidosa e solta muita fumaça – fumaça demais para os meros 5 quilômetros que percorre. É o famoso *tortillard*, o trenzinho rumo a Berck, sempre abarrotado de doentes e seus familiares.

Durante o trajeto, só se fala, é claro, de doença, doentes, curas e tratamentos. Discute-se, creio eu, nesse trenzinho, mais patologia do que em todas as academias de medicina juntas.

O viajante previamente iniciado, consciente de que em Berck jazem 5 mil doentes engessados, anseia ver, por toda parte, desde os primeiros momentos em que penetra na cidade, sinais reveladores dessa singular e triste característica. Fica bastante admirado ao desembarcar numa cidadezinha de interior banal, com uma *Avenue de la Gare* [Avenida da Estação] idêntica à de todas as cidadezinhas interioranas francesas, com uma rua comercial banal, com gente andando atrás de dinheiro como em qualquer outro lugar, com casas antigas e fora de moda que, de longe, exalam mofo e ar viciado.

O contato com a verdadeira fisionomia de Berck se dá, porém, bruscamente, numa esquina qualquer, no momento em que surge a primeira charrete de doente. A impressão que se tem é estupefaciente.

Imaginem uma espécie de landau retangular, dotado de um toldo na parte traseira, uma espécie de baú, uma espécie de barco sobre rodas em que uma pessoa fica deitada, enfaixada em cobertores, e que conduz o cavalo. Achariam talvez que se tratasse de alguém sentado muitíssimo inclinado numa charrete, numa posição confortável e de certo modo normal. Não. O doente está completamente deitado numa moldura de madeira instalada na charrete,

e olha estritamente para cima e para nenhum outro lugar. Não vira a cabeça para a direita nem para a esquerda, não a ergue, não a move: olha fixamente para cima, para um espelho preso num suporte que pode ser movido em todas as direções. A charrete anda para a frente, vira uma esquina, evita uma criança, para diante de uma loja, e seu condutor mantém o tempo todo o olhar perdido nas alturas, enquanto as mãos puxam as rédeas para um lado e para o outro com os mesmos gestos do cego que avança nas próprias trevas. Na fixidez desse olhar para o espelho algo triste e irreal, há algo que de fato se assemelha ao andar dos cegos que tateiam febris a calçada com a bengala, enquanto seus olhos brancos fitam vagos o indefinido.

O doente da charrete, porém, está vestido direitinho, de paletó aberto, gravata, lenço branco no bolso superior e luvas.

Quem seria capaz de imaginar que, sob a camisa, ele estaria usando uma carapaça de gesso, verdadeira armadilha hermética sob medida, cota de malha rígida e branca, que, talvez, não tenha sido removida nos últimos três meses?

## ALGO SOBRE O GESSO

... Pois Berck é a cidade da imobilidade e do gesso. Aqui chegam, de todos os cantos do mundo, ossos quebrados e roídos para serem endireitados e consolidados. Gibosidades que deformam a coluna vertebral em ondulações serpentinas, articulações destramadas, vértebras cariadas, dedos retorcidos, cotovelos deslocados, pernas tortas – todos confiam no milagre do gesso. O gesso fixa, endireita, solda. Em Berck, o gesso é a matéria-prima típica da cidade, assim como o aço em Creuzot, o carvão em Liverpool e o petróleo em Baku.

Há gessos que apertam só um dedo e outros que embrulham o corpo todo. Há gessos que se parecem com calhas, dos quais o doente sai quando quer, e outros fechados hermeticamente, que revestem o corpo meses a fio. Esses são os mais terríveis. Além do suplício do gesso que seca diretamente no corpo enquanto o doente jaz por três dias numa espécie de lodaçal frio e opressor, ele ainda deverá sofrer, ao longo de alguns meses, a tortura da impossibilidade de se lavar. Como é fácil compreender, forma-se sobre a pele, nesse meio-tempo, uma grossa camada de sujeira que a irrita com pruridos e coceiras infernais. Tais gessos fechados, hoje em dia são, porém, cada vez mais raros.

#### UMA CIDADE HORIZONTAL

Num guia em formato de brochura que pode ser comprado na primeira livraria que lhes apareça na frente, lê-se que Berck ocupa, no litoral do canal da Mancha, uma posição perfeitamente excepcional, graças ao golfo de Authie, que dirige as correntes marinhas de um modo favorável à localidade.

Pode-se ainda descobrir que, em Berck, o ar é formidavelmente limpo, extraordinariamente puro, o ar mais puro do mundo, com apenas quatro bactérias por metro cúbico, enquanto o ar de Paris contém mais de 900 mil bactérias para o mesmo volume. Para um doente que vai em busca de saúde e sabe que terá de ficar anos a fio em Berck, o índice não é nada desprovido de importância.

Posso afirmar, contudo, que nenhum, absolutamente nenhum, dos 5 mil doentes em Berck veio até ali atraído pela publicidade das correntes marinhas ou da pureza do ar.

O segredo dessa aglomeração de doentes é outro: em Berck, os enfermos, os aleijados, os paralisados, os de-

serdados da vida, os que em outras cidades vivem como verdadeiros párias da sociedade, escondidos pela família, encerrados em quartos insalubres, profundamente humilhados pela vida que se desenrola desafiadora em torno deles, em Berck eles voltam a ser pessoas normais.

Eles têm à sua disposição toda uma cidade organizada de maneira a lhes oferecer a mais normal das vidas possíveis, mantendo-se deitados e sem interromper um só instante o tratamento.

Deitados, eles vão ao cinema; deitados, eles passeiam de charrete; deitados, eles frequentam festas; deitados, eles vão a conferências; deitados, eles se visitam entre si.

Seus carrinhos podem entrar em qualquer casa de Berck, qualquer restaurante, qualquer loja: em Berck, nenhuma casa tem soleira. Ali a vida se curvou 90 graus, transformando-se numa vida horizontal que provou ser perfeitamente possível.

Nos grandes hotéis, cujos quartos nada têm de diferente de outros quartos de hotel, há também refeitórios para os doentes, onde são transportados de carrinho para cada mesa.

O aspecto de tais refeitórios é ao mesmo tempo estranho e faustoso. Faustoso porque se assemelha a um festim romano em que todos os convivas estão deitados, e estranho porque o palor doentio dos comensais nos remete a não sei qual novela alucinante de Edgar Allan Poe.

O espetáculo mais inusitado talvez seja o do verão, quando os doentes, na praia, flertam com as mais belas mulheres que os rodeiam. E esses flertes nem sempre são inocentes. Já lhes disse que os doentes vão a Berck para voltar a ser pessoas normais...

Há também dramas, com certeza, e horrendas depressões da alma. Em Berck, porém, isso raramente termina em tragédia. No inverno passado, dois apaixonados – uma

exaltada e um doente incurável – se suicidaram debaixo da cruz de um calvário. O caso causou sensação e os repórteres parisienses bordaram belos artigos sobre as tragédias de Berck. A verdade, porém, é que tais casos são totalmente excepcionais.

No ritmo absorvente da vida quase normal que ali levam, os doentes suportam com leveza a sua desgraça.

É o milagre moral de Berck.

### O QUE É UMA GOTEIRA?

Os passeios de charrete são uma verdadeira redenção para os doentes.

Trata-se, porém, de uma redenção cara e luxuosa. Em Berck, os doentes pagam de 25 a 30 francos por algumas horas de charrete. A municipalidade, para o grande pesar dos doentes e dos visitantes de Berck, jamais interveio no sentido de regulamentar os preços do aluguel. Os doentes pagam assim, na nossa moeda, quase 50 leus por hora, ou seja, quase o mesmo que custaria o consumo de gasolina de um automóvel esplêndido. Em Berck, a charrete a cavalo, assim como podem ver, corresponde aproximadamente ao luxo de possuir um Rolls-Royce.

Em tais condições, os benefícios do ar marinho e o prazer dos passeios se reservariam exclusivamente a um número restrito de privilegiados, caso Berck não conhecesse também uma redenção para os desprovidos de meios materiais, e que se chama goteira. A goteira é uma invenção que transforma um doente numa pessoa sadia. Ela acumula as funções de cama, charrete e pernas. A goteira é um carrinho de quatro grandes rodas de borracha, dotado de um chassi na medida exata do corpo, sobre o qual o doente fica deitado. Entre o chassi

e as rodas, molas fortes amortecem todos os choques e solavancos do trajeto.

Nos sanatórios para doentes desprovidos de meios materiais, em que os salões são coletivos e os doentes ficam em camas, a goteira só é utilizada para passeios à beira-mar. Em certos hotéis e residências particulares, porém, o doente jamais sai da goteira. Ele dorme nela, come nela, sai nela para passear.

Em seu quarto, o doente, se deixar os braços pender, é capaz de conduzir as rodas em todas as direções. Vi doentes se movendo dessa maneira até as estantes da biblioteca para retirar um livro ou passeando sozinhos pelos corredores.

Quando um doente precisa fazer compras na cidade, telefona-se imediatamente para um sanatório nas proximidades e então um ex-doente ou convalescente chega para empurrar a goteira até a cidade.

Por esse trabalho cobram-se 5 francos. Uma pessoa em Berck é mais barata do que um cavalo e realiza quase o mesmo serviço.

### HOTÉIS E SANATÓRIOS

O livrinho de propaganda sobre Berck diz com clareza: “há em Berck instituições que cuidam de doentes para todos os bolsos”. Isso é perfeitamente verdadeiro. A diferença, porém, entre um hotel *up-to-date* e um sanatório “com preços reduzidos” é quase a mesma entre um senhor bem-vestido em roupas *gris cendré* e com flor na botoeira e um mendigo esfarrapado que lhe estende a mão pedindo esmola.

Todos os grandes hotéis de Berck possuem gramados esplêndidos com flores, quadras de tênis, elevadores e

água corrente. Todos os sanatórios “com preços reduzidos” têm paredes úmidas, corredores fétidos e assoalhos imundos. A diferença de tratamento moral e clínico nessas duas categorias de instituição corresponde, por completo, ao aspecto exterior. Constituem exceção – e uma exceção bastante honrosa – a essa situação dois grandes hospitais para pobres em Berck, organizados de maneira admirável e muito honesta. Trata-se do Hospital Marítimo, que pertence à assistência pública de Paris, e o Hospital Franco-Americano, obra beneficente. A desgraça, porém, é que, no primeiro, só são aceitos parisienses e, no segundo, as vagas são pouquíssimas. O doente desprovido de meios materiais, na impossibilidade de se internar numa dessas instituições, torna-se fatalmente vítima dos empresários de sanatórios “com preços reduzidos”.

#### **BERCK, A CIDADE DOS MALDITOS**

Cinco mil doentes de tuberculose óssea jazem em Berck, imobilizados no gesso, no aguardo da cura. Essa horrenda doença tem predileção pelas articulações – vértebras, quadris, joelhos –, e a articulação, uma vez atacada, deve ser de imediato imobilizada. Cinco mil doentes jazem deitados em suas camas e carrinhos, perdidos em devaneios, mergulhados em leituras sem fim, desmaterializados na contemplação infinita da imensidão do oceano.

A cura chega devagar, terrivelmente devagar, mas chega. Ela hoje em dia atinge proporções jamais esperadas. Ao longo dos cinquenta anos da existência de Berck, por meio de uma organização terapêutica racional e constantemente aperfeiçoada, logrou-se diminuir a mortalidade da tuberculose óssea, de 80% que era no século passado para 5%; trata-se de um resultado ímpar nos anais da medicina.

Ademais, os doentes em Berck levam uma vida normal, e a maldição do terrível constrangimento físico ao qual são submetidos lhes parece mais suportável em meio a uma comunidade de casos quase idênticos.

Visões impressionantes, todavia, não faltam em Berck. Desde o embarque dos doentes nas charretes, que se assemelha muito à entrada dos caixões nos carros fúnebres (tanto a charrete quanto o carro fúnebre possuem um rolo sobre o qual o chassi do doente desliza para dentro), até o espetáculo dos doentes que, banhados em suor, tricotam sob o sol para ganhar um dinheirinho dos turistas, Berck está repleto de cenas dramáticas e impressionantes. Não vi, porém, nada mais dilacerante, mais profundamente humano e mais triste do que a liturgia de Natal em Berck.

Os católicos comemoram, à meia-noite, na igreja, a vinda ao mundo do menino Jesus.

Nada mais impressionante que a emoção extraordinária dos doentes, sua palidez extática, no silêncio solene da igreja à meia-noite.

Aqui e ali, uma mãe, um parente cobrem com o lenço um choro dilacerante, enquanto o padre distribui a sagrada comunhão aos doentes – transfigurados e trêmulos ao receber a graça divina.

No momento da “elevação”, quando todos os fiéis se ajoelham, os doentes levam apenas a mão aos olhos.

Na igreja, o silêncio então se torna mais profundo, mais esmagador, enquanto lá fora as rajadas de chuva atingem as tábuas das casas e o vento uiva uma melopeia sinistra, como um clamor de todos os malditos do mundo, como um pranto universal e perturbador.

M.B.

Artigo publicado na revista romena *Vremea*, ano VII, número 358, 7 de outubro de 1934.



*Quel terrible souvenir à affronter*<sup>1</sup>  
Kierkegaard

EMANUEL SUBIU A ESCADARIA ESCURA. O AR ESTAVA impregnado de um cheiro de farmácia e borracha queimada. No fim do corredor estreito, reconheceu a porta branca que lhe fora indicada. Entrou sem bater.

O aposento em que se viu parecia ainda mais velho e mofado que o corredor. A luz entrava pela única janela, espalhando uma claridade azul e hesitante por sobre a bagunça da salinha, com revistas desarrumadas por toda parte, cobrindo a mesa de mármore e as solenes cadeiras, envoltas em capas brancas como se envergassem confortáveis trajes de viagem antes da mudança.

Mais que sentar-se, Emanuel se deixou cair na poltrona. Observou, surpreso, sombras que percorriam a sala e logo descobriu que a janela dos fundos era, na verdade, um aquário em que flutuavam lentos peixes negros, gordos e

---

1 Que lembrança terrível a enfrentar.

de olhos esbugalhados. Por alguns segundos, ele permaneceu de olhos bem abertos, acompanhando seu preguiçoso deslizar, quase esquecendo o motivo pelo qual viera.

Na verdade, para que viera até ali? Aha!, lembrou e tossiu de leve para anunciar sua presença, mas ninguém respondeu.

Suas têmporas ainda latejavam, mais por ter corrido do consultório do doutor Bertrand até ali do que por qualquer emoção genuína. Naquela sala séria e vetusta, ele se sentiu um pouco mais calmo.

Uma porta se abriu e uma mulher cruzou a salinha a passos rápidos, desaparecendo pela porta que dava para o corredor. Emanuel se arrependeu por não tê-la abordado para pedir que anunciasse sua presença.

Os peixes continuavam deslizando tristes debaixo da luz mortiça. Havia na sala tanto silêncio, tanta escuridão e tanta solidão que, se aquela situação perdurasse uma eternidade, Emanuel não teria mais nada a dizer. Pelo contrário, ele a teria aceitado com resignação, permanecendo ainda por muito tempo do lado de cá da verdade brutal que, talvez, ele haveria de descobrir dentro de poucos minutos.

Do lado de trás de uma porta, alguém deu uma tossidela, resposta atrasada à sua tosse de poucos instantes atrás.

Apareceu na soleira uma criatura diminuta, soturna, como um animal assustado saindo da toca.

– O senhor foi mandado pelo doutor Bertrand? Bom! Já sei, ele me telefonou... dores violentas no lombo, não é isso?... Uma radiografia da coluna vertebral.

O homúnculo esfregava nervosamente as mãos como se quisesse se livrar dos restos de terra que haviam ficado presos aos dedos enquanto cavara seu buraco.

Tinha olhinhos de toupeira, tumefatos, brilhando como ouro à luz tênue.

– Logo veremos o que é... Por favor me siga.

Emanuel o seguiu, atravessou o corredor e se viu diante de uma sala absolutamente escura. Era dali que vinha aquele cheiro pesado de borracha queimada.

Acendeu-se uma lâmpada fraca que revelou uma sala repleta de aparelhagem médica com estruturas níqueladas de canos e barras de circo.

Havia tantos cabos elétricos espalhados por toda parte que Emanuel ficou perplexo na soleira, com medo de entrar e tocar em algo que desencadeasse uma formidável corrente cheia de raios e faíscas.

– Por favor!... por favor... – disse-lhe o médico, quase pegando-o pela mão. – O senhor pode se despir aqui...

E o médico lhe apontou um baú de parafusos, uma máquina enigmática que às vezes servia, pelo visto, como sofá. Emanuel cometeu, pela primeira vez na vida, o gesto, tão simples e tão íntimo, de tirar as roupas numa circunstância tão solene.

O médico continuou fumando, atirando com indolência as cinzas no assoalho, no assoalho daquela terrível sala científica em que cada centímetro quadrado parecia estar imbuído de mistérios e eletricidade.

– Tire só a camisa...

Emanuel estava pronto. Começou a tremer.

– Está com frio? – perguntou o médico. – Vai durar só um minutinho.

O contato gélido e cortante com a mesa de lata sobre a qual se deitara o permeou com um calafrio ainda mais intenso.

– E agora, atenção... quando eu disser, segure a respiração... quero que a radiografia saia bem.

O médico abriu e fechou uma caixa metálica. A lâmpada apagou. Um tinido produziu um clique preciso. Uma alavanca caiu categórica, com um corte linear na escuri-

dão. A corrente elétrica começou a vibrar surda como um animal irritado. Tudo se desenrolava metálica e precisamente, como naqueles jogos em que uma bola niquelada exige nossa atenção, caindo com exatidão de compartimento em compartimento...

– Agora! – disse o médico.

Emanuel segurou a respiração. O coração começou a bater forte, como se ressoasse na placa sobre a qual estava deitado. Toda a escuridão retumbava em seus ouvidos.

Escutou-se mais um sussurro, que se intensificou e que se estendeu depois, bruscamente, como um carvão jogado na água.

– Já pode respirar – disse de novo o médico.

Fez-se de novo luz. Emanuel teve de repente um instante de extrema lucidez. Para que estava ali deitado em cima da mesa? Para quê?

Teve a absoluta convicção de estar muito doente. Tudo ao seu redor indicava isso de maneira evidente. O que significavam todos aqueles aparelhos? Com certeza não eram feitos para gente sadia.

E já que ele se encontrava ali, em meio a eles, encuralado por eles...

O médico retirou a chapa da mesa de lata.

– Por favor, não se vista ainda... deixe-me ver se ficou boa... permaneça assim... deitado.

O médico pegou o paletó de Emanuel e o colocou sobre o peito, dobrando-o com ternura; só sua mãe, na infância, cobria-o assim com o cobertor antes de dormir.

O que haveria de dizer o doutor? O que revelaria a chapa? A pavorosa chapa...

Agora se sentia bem de novo, debaixo do paletó quente e mole. Se a placa não o houvesse atravessado com aquela sua frieza repulsiva e se ele pudesse apoiar a cabeça em outra coisa que não fosse uma barra de metal, talvez ti-

vesse adormecido. Tremia levemente por causa do frio, sentindo-se, porém, tomado por uma exaustão prazerosa e tranquilizadora.

No fim do corredor, em algum lugar, ouviu-se o estrépito de uma porta batendo. Era assim que a vida, à distância, continuava... Ele se sentiu retirado dela, sob o refúgio do paletó, assim como estava, pelado na mesa de radiografia.

– A chapa ficou boa – disse o médico ao sair da cabine. – Parece-me, contudo, que uma vértebra está bem afetada... Falta um pedaço de osso nela...

O médico disse tudo isso num francês rápido que Emanuel não compreendia muito bem e, ainda por cima, com interrupções, queimando os dedos com a bituca de cigarro que ele pegou de novo de uma mesinha e que fumava com avidez.

Emanuel ficou perplexo, não compreendera bem. Falta-lhe um pedaço de osso na vértebra? Mas como desaparecera dali? Perguntou ao médico.

– Foi roída... roída por micróbios – respondeu o homúnculo preto. – Completamente estragada... como um dente comido pela cárie.

– Bem na coluna vertebral?

– Sim, bem na coluna... uma vértebra destruída...

“E então como é que não despenquei até agora estando em pé, se o próprio eixo de sustentação do corpo está quebrado?”, pensou Emanuel. Lembrou que deveria se vestir, mas não ousou se levantar sem infinitas precauções, apoiando-se o tempo todo nos aparelhos. No seu peito se produzira um vazio tal que era capaz de ouvir o seu zunido, claro como o murmúrio do interior de uma concha que se leva ao ouvido. O coração pulsava no vácuo com batidas amplificadas. Seu corpo podia então se esfacelar de um momento para o outro, como uma árvore partida, como uma boneca de pano.

Certa vez, na pensão em que morava, em seu quarto, ele pusera uma armadilha no chão e um rato ficou preso nela no meio da madrugada. Emanuel acendeu a luz e o viu rodando, enlouquecido de terror, na tela de arame da armadilha. Ao amanhecer, o rato não estava mais lá; conseguira abrir a portinha e escapara. Passeava, porém, pelo quarto, tão aturdido, tão assustado, em movimentos tão lentos e inseguros, que podia ser apanhado com a mão. O rato chegou a passar algumas vezes em frente ao buraco do próprio esconderijo, cheirou-o um pouco, mas não entrou... estava completamente desorientado pelo pavor e pela exaustão da madrugada passada na armadilha.

Emanuel, dirigindo-se ao baú com suas coisas, teve gestos precavidos e suaves que o fizeram lembrar-se do rato se arrastando pelo chão. Agora, ele também mais se arrastava do que andava. Sentia-se identificado com aquele rato até o mínimo gesto. Mexia-se igualmente terrificado, igualmente aturdido...

O médico entrou de novo na cabine. Emanuel pensou, então, bruscamente, em se suicidar, enforcando-se com o cinto das calças pendurado em uma das barras metálicas. Mas esse pensamento era tão fraco e inoperante que não continha nem mesmo a energia necessária para erguer um braço. Era, com certeza, uma ideia excelente, tão excelente quanto, para o rato, entrar de volta em seu buraco, mas igualmente vaga e alheia à realidade.

Nem permanecera, aliás, muito tempo sozinho. O médico voltou com o clichê, ainda úmido, para lhe mostrar. Acendeu uma lâmpada mais forte e pôs a radiografia contra a luz. Emanuel observou surpreso, ausente, as sombras negras que representavam o próprio esqueleto; a mais secreta e íntima estrutura de seu corpo, ali impressa em transparências turvas e funéreas.

– Eis... aqui... É uma vértebra sadia – explicou o doutor. –

E aqui, mais embaixo, aquela em que falta um pedaço de osso... vê-se bem que foi roída.

De fato, ali havia uma vértebra falha.

– Isso se chama mal de Pott... tuberculose óssea nas vértebras.

Tudo parecia claríssimo, uma vez que aquela falha tinha até mesmo um nome científico.

– Além do mais, há também algo de suspeito por aqui... – continuou o doutor, apontando para uma sombra da largura de um funil. – Temo que se trate de um abscesso... Precisaria examiná-lo no meu consultório.

Até então, o médico falara sem parar e sem olhar para Emanuel. Ao erguer os olhos e vê-lo tão pálido e estupefato, ele se apressou para dentro da cabine, deixou o clichê e, em seguida, de volta, pegou-o nas mãos e começou a sacudi-lo.

– Ei, vamos! O que é isso? Coragem... um pouco de coragem! É algo que podemos curar... o senhor vai para Berck... lá existe salvação... um pouco de coragem... um pouco de coragem!

Arrastou-o atrás de si ao longo do corredor e da vetusta salinha em que os peixes no aquário, indiferentes, continuavam cerrados em sua hermética migração.

Adentraram no consultório. Ali também as cortinas estavam fechadas, ali também estava escuro, ali também luzia uma única lâmpada em meio a uma torrente petrificada de livros e drogas medicinais. O homúnculo se movia ágil entre eles, como se os tateasse às pressas, sorvendo-lhes o cheiro como um animal.

– Vamos ver primeiro as costas – disse o doutor.

Emanuel se deitou de bruços num sofá coberto por um lençol branco.

O médico começou a apalpar, devagar, atento, de alto a baixo, toda a coluna vertebral, pressionando cada vértebra, como um afinador diante das teclas de um piano.

Num ponto pressionado com mais força, ressoou uma dor fulminante.

– É justamente o que revela a radiografia... Aqui está a vértebra doente.

E o doutor a pressionou de novo e de novo ressoou na coluna a mesma nota cristalina de dor.

– Se não for indiscrição minha, para que o senhor veio à França? – perguntou o médico enquanto o examinava.  
– Percebi, pelo sotaque, que é estrangeiro.

– De fato – respondeu Emanuel. – Vim estudar aqui.

– E o que exatamente o senhor estuda? – perguntou o médico de novo.

– Química – respondeu Emanuel.

– Ah! Química!... o senhor gosta de química, tem interesse por ela?

“Agora só a vida me interessa”, quis responder Emanuel, calando-se, porém.

– O senhor acha que seus pais poderão prover sua manutenção aqui, num lugar à beira-mar? – continuou o médico. – O senhor precisa de muito repouso, alimentação boa... sobretudo tranquilidade... em Berck, por exemplo, num dos sanatórios às margens do oceano.

– Vou escrever para meu pai na Romênia – respondeu Emanuel. – Acho que ele vai me ajudar.

Curiosamente, a palavra “sanatório”, pronunciada pelo médico, evocou de imediato em Emanuel uma recordação suave e ensolarada como um sopro de brisa fresca na atmosfera abafada do consultório médico. No ano anterior, em Tekirghioli<sup>2</sup>, onde permanecera um mês para se tratar de um suposto reumatismo (assim todos

---

<sup>2</sup> Pequena localidade romena, atualmente grafada Techirghioli, a 3 km do mar Negro e às margens do lago homônimo, famosa pelos tratamentos balneoterapêuticos. [N.T.]

os médicos haviam diagnosticado suas dores nas costas), o tempo todo ficara obcecado pela ideia de que muito em breve haveria de morar num sanatório. Lembrava-se agora perfeitamente de uma manhã luminosa, na praia, à sombra de um guarda-sol debaixo do qual seus amigos jogavam cartas, deitados de barriga na areia, quando lhe passou pela cabeça, de maneira repentina e absurda, que deveria se despedir deles, dizendo-lhes que se mudaria para um sanatório.

Agora, no consultório escuro, à luz clorótica da lâmpada, aquela recordação era o que podia existir de mais sereno e pleno de frescor em meio àquela papelada empoirada.

– E agora vamos ver a barriga...

Emanuel se virou de barriga para cima. O médico passou a palma por toda a pele, deslizando-a suavemente até de repente se admirar e olhar fixamente nos olhos de Emanuel.

– Faz tempo que o senhor tem isso?

Mostrou-lhe, no ventre, um inchaço grosso e redondo, liso e bem delineado como um ovo que houvesse crescido ali debaixo da pele, junto ao quadril (“enorme”, pensou Emanuel, extremamente assustado). Em vão tentou se lembrar dele; jamais o vira ali. Nem mesmo o doutor Bertrand o percebera. Talvez fosse algo novo, surgido nas últimas horas.

– De qualquer modo, foi bom termos descoberto a tempo – disse o doutor. – Se isso se rompesse, faria um belo estrago... é um abscesso frio cheio de pus, que vem do osso doente... Vai ter de ser puncionado... o pus terá de ser retirado com uma seringa.

Fazia uma hora que tantas coisas apavorantes ocorriam de maneira tão calma e sentenciosa, tantos desastres aconteciam que Emanuel, exausto de tantas notícias